

Nos vértices do triângulo: Carolina Michaëlis de Vasconcellos, Ramón Menéndez Pidal e María Goyri através da correspondência

Sandra Boto*
Universidade de Coimbra / Universidade do Algarve

Michaëlis, Menéndez Pidal, Goyri: marcas de uma profunda admiração intelectual

A importância de que se reveste a correspondência trocada entre Carolina Michaëlis de Vasconcellos (Berlim, 1851 – Porto, 1925) e Ramón Menéndez Pidal (A Coruña, 1869 – Madrid, 1968) para uma correcta leitura da rede de trabalho ibérica em torno da prática filológica nos finais do século XIX e durante o primeiro quartel do século XX é plenamente reconhecida e por este motivo parece pertinente começar por reforçar aquilo que talvez melhor coubesse em jeito de conclusão. No entanto, a razão de ser deste contributo prende-se não tanto com a mera análise factual desta documentação epistolar, mas mais com o levantamento de dados nela veiculados que iluminam alguns contornos desta relação efectivamente já conhecida. Parece sobretudo relevante o traçado de algumas redes que esta correspondência deixa entrever, nomeadamente a rede paralela estabelecida entre a própria académica alemã e María Goyri de Menéndez Pidal (Madrid, 1873 – Madrid, 1954), muito menos

* Centro de Literatura Portuguesa da Universidade de Coimbra/Centro de Investigação em Artes e Comunicação da Universidade do Algarve (Fundação para a Ciência e Tecnologia). Este estudo só foi possível graças à inextinguível colaboração de Sara Catalán, Jesús Antonio Cid e Sara Sánchez Bellido, que me facultaram sem hesitar não só a correspondência de Carolina Michaëlis de Vasconcellos a Ramón Menéndez Pidal depositada no arquivo da *Fundación Ramón Menéndez Pidal*, como também correspondência pessoal e muitos outros materiais de María Goyri (apontamentos pessoais, notícias, artigos e estudos por ela seleccionados) bem como bibliografia sobre a mulher de Menéndez Pidal. Agradeço ainda à Dr^a Isabel Ramires, da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, as incansáveis diligências por ela feitas que me proporcionaram pistas bibliográficas decisivas, tendo-me permitido o acesso aos autógrafos das cartas de Ramón Menéndez Pidal depositados no espólio documental de Carolina Michaëlis de Vasconcellos que se conserva nesta universidade portuguesa.

estudada e apenas entrevista, até ao momento, na qual nos deteremos cuidadosamente.

De que D. Carolina e Don Ramón mantiveram contactos por via epistolar não restavam quaisquer dúvidas. Informalmente, sempre foi do conhecimento dos investigadores que se debruçaram sobre estas duas figuras que tal rede pessoal existira e que os respectivos espólios albergariam documentação que a atestasse. A título ilustrativo, em 2001, no texto que integrou as Actas do Colóquio "Carolina Michaëlis", dadas à estampa na *Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, Juan-Carlos Conde faz notar que:

Menéndez Pidal fue uno de los responsables españoles más rendidos y asiduos de doña Carolina: a ella le dedicó su monografía sobre el abad don Juan de Montemayor, y a ella le ofreció las páginas de la *Revista de Filología Española* y de las publicaciones del Centro de Estudios Históricos más de una vez [...]. (Conde 2001: 155, nota 45)

Nesta afirmação encontra-se, pois, latente, se não dados directamente devedores da leitura e da análise das mencionadas cartas, pelo menos a consciência plena de uma relação epistolar. Contudo, mau grado o interesse que atribuímos a esta correspondência em particular (o qual não será inferior, do ponto de vista histórico-cultural e literário, àquela que ambos eruditos mantiveram com outras destacadas figuras do seu tempo, sem dúvida), é certo que o estado de tratamento dos respectivos espólios dificultou, até bem recentemente, o acesso universal aos manuscritos e o seu conseqüente estudo, situação que actualmente se vê corrigida.

Cabe assinalar que a troca de correspondência entre os dois académicos se desenrola durante um período histórico conturbado mas ao mesmo tempo fascinante para os estudos filológicos em Portugal e em Espanha e, por extensão, para a filologia românica em geral. A maturidade alcançada nesta área do conhecimento humanístico, na transição do século XIX para o século XX, decorrente da aplicação de um certo pensamento positivista às metodologias de trabalho, da consulta massiva de fontes primárias e do vasto fôlego editorial e crítico que uma insigne geração de eruditos dedicou a essas mesmas fontes proporcionou avanços decisivos na teorização sobre a literatura medieval e sobre a história das línguas românicas.

Neste sentido, Carolina Michaëlis de Vasconcellos e Ramón Menéndez Pidal impuseram-se, com a força do seu trabalho e o exímio faro filológico de que ambos eram possuidores, como actores principais neste cenário, num quadro de uma colaboração duradoura e respeitosa, de uma admiração verdadeira e de uma amizade pessoal sincera.

Os contactos que mantiveram, donde sobressai o extremo apreço intelectual mútuo, encontram-se espelhados para a posteridade nalgumas das suas publicações. Pensemos, por exemplo, na participação de Ramón Menéndez Pidal na *Miscelânea de Estudos em Honra de D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos*, com o texto «Los Estudios sobre o Romancero Peninsular de Doña Carolina», de 1930, trabalho em que tece o elogio máximo à obra da homenageada. Sabe-se, por sua vez, que Carolina Michaëlis de Vasconcellos havia preparado, a instâncias de Menéndez Pidal, os abso-lutamente fundamentais *Estudios sobre o Romancero Peninsular, Romances Velhos em Portugal*, obra que publicou primeiramente na revista *Cultura Española*, entre 1907 e 1909, números VII a XV.¹ Por seu turno, os mesmos *Estudios sobre o Romancero Peninsular* foram dedicados pela autora, justamente, em suas palavras, "Aos futuros e definitivos apuradores do Romancero Geral Hispano-português Ramón Menéndez Pidal, María Goyri Menéndez Pidal e José Leite de Vasconcellos".²

Daqui se depreende, com naturalidade, que, por estas alturas, o reconhecimento da investigadora alemã ao trabalho dos dois filólogos espanhóis (marido e mulher), bem como a José Leite de Vasconcellos, se encontrava já sedimentado.

Aliás, a confirmação de que, em 1908, a rede Ramón Menéndez Pidal, Carolina Michaëlis de Vasconcellos e Leite de Vasconcellos operava em torno do romancero de tradição oral surge precisamente por via epistolar, em concreto através de uma passagem de uma carta assinada pela académica alemã, em resposta a uma solicitação de Menéndez Pidal em carta anterior, cujo paradeiro se desconhece. A D. Carolina pedia o professor espanhol que instasse Leite de Vasconcellos a dar prioridade ao estudo do romancero sobre outros interesses etnográficos. Porém, a

¹ Cf. na Bibliografia, o ciclo editorial desta obra.

² Cito pela edição póstuma de 1980: 1.

alemã confessa, na carta de 29 de Setembro de 1908 que lhe remete a partir de Entre-os-Rios, onde veraneava, encontrar-se pouco confiante quanto aos bons resultados da sua influência sobre Leite de Vasconcellos na concretização do pedido do amigo, ou seja: mais investigação sobre o romanceiro em detrimento de outros interesses.³ Escreve então Carolina Michaëlis de Vasconcellos:⁴

Leite de Vasconcellos prometeu visitar-me aqui. Dar-lhe-ei novo assalto por causa dos *Romances*.⁵ Julgo todavia que sem resultado. Ele tenciona refazer as *Tradições* sobre um plano novo para o qual quer <refazer>⁶ reservar todos os materiais folclóricos. Primeiro quer publicar contido o Vol. III das *Religiões* uma biografia de Storck e não sei quanto mais. Instarei para reproduzir os textos na *Rev. [lista] Lus.[itana]* sem comentários. (Michaëlis 1908 [Carta ms. M156004]: fls. 2r e v)⁷

Também é verdade que, no que concerne às investigações sobre o romanceiro propriamente ditas, se não podemos falar de um magistério efectivo de D. Carolina sobre Menéndez Pidal (sucedeu basicamente o contrário), o académico espanhol manifesta publicamente a admiração pelo trabalho da catedrática alemã em diversas ocasiões, nomeadamente quando resume, reconhece como ponto de chegada no estado da arte dos estudos sobre o romanceiro português e quando partilha, em boa medida, do essencial das posições desta sobre o género, sobre a formação dos romances medievais e sobre o papel de Portugal na criação do romanceiro (na obra *Romancero hispánico*), de 1953, ou no seu texto da *Miscelânea de Estudos em Honra de D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos*.

Cabe mencionar ainda que foi por iniciativa de Menéndez Pidal e do Centro de Estudios Históricos, por ele dirigido, que Carolina Michaëlis

³ Trata-se efectivamente de uma carta mencionada e parcialmente transcrita por Diego Catalán, em 2001, no primeiro volume de *El Archivo del Romancero. Patrimonio de la Humanidad. Historia documentada de un siglo de Historia*. Madrid, Fundación Menéndez Pidal/Seminario Menéndez Pidal, p. 56.

⁴ O texto da correspondência aqui citada directamente será sempre alvo de uma transcrição actualizada para a norma em vigor no Português (anterior à do "Novo Acordo Ortográfico") e no Castelhana. Por este motivo não repetiremos esta advertência nas futuras transcrições.

⁵ Itálico presente no documento original.

⁶ Como critério editorial geral, a transcrição entre parêntesis angulares representa sempre um elemento riscado pelo seu autor no manuscrito original.

⁷ Esta passagem foi mencionada e parcialmente transcrita, em 2001, por Diego Catalán, neto de Ramón Menéndez Pidal, em Catalán 2001: 56.

viria a publicar, em 1922, os *Autos portugueses de Gil Vicente y de la escuela vicentina*, obra onde edita a reprodução facsimilada de 19 autos contidos em *pliegos* da Biblioteca Nacional de Madrid aos quais adiciona uma introdução da sua lavra, os quais, segundo o epistolário de Carolina Michaëlis de Vasconcellos e Menéndez Pidal revela, o filólogo espanhol enviava, fotografados, para o Porto.⁸ Aliás, a correspondência privada permite-nos entrever o empenho de D. Carolina na concretização deste projecto editorial – que, na realidade, veria a estampa numa fase bastante posterior da sua vida, consequência das dificuldades sempre colocadas pelas absorventes tarefas académicas em conjugação com as exigências de rigor de que a própria não abdicava – na medida em que a abordagem do processo de recepção dos autos e os comentários insistentes que tece em torno deste assunto nas missivas endereçadas a Menéndez Pidal são bons indicadores da veracidade desta afirmação.

Características dos epistolários de Menéndez Pidal, María Goyri e Carolina Michaëlis de Vasconcellos

O epistolário de Carolina Michaëlis de Vasconcellos e Ramón Menéndez Pidal encontra-se necessariamente incompleto. Sabemo-lo pela falta de sequência entre a maioria das cartas. Devemos balizá-lo entre 1898 e 1924⁹ embora não se possa excluir a possibilidade de ter sido trocada correspondência antes de 1898 e mesmo depois de 1924 (D. Carolina viria a falecer no final do ano seguinte, recorde). Certo é que terão sido enviadas missivas ao longo deste mesmo período que entretanto se terão perdido ou que, pelo menos, não integram actualmente os espólios dos dois filólogos.¹⁰

⁸ Este assunto é abundantemente tratado sobretudo nas cartas que D. Carolina remete a Ramón Menéndez Pidal entre 1912 e 1914.

⁹ Obedecemos a critérios de datação directa, sempre que as cartas apresentam uma data inscrita e, em caso de ausência de datação, a critérios de datação indirecta fundados na análise do conteúdo da correspondência, mais precisamente através do levantamento de factos mencionados nas cartas que permitam localizá-las com segurança no tempo.

¹⁰ Cf. em anexo os índices das cartas enviadas por Carolina Michaëlis de Vasconcellos a Ramón Menéndez Pidal (conservadas no Archivo epistolario de la *Fundación Ramón Menéndez Pidal*), de Ramón

Variados são os motivos (e de diversa ordem) que podem explicar as mais do que frequentes dispersões de espólios pessoais. No caso específico dos de Menéndez Pidal e de María Goyri, como no de tantos outros, há a considerar a dispersão dos materiais por via testamental e sucessória. No caso do de D. Carolina, embora na posse da Universidade de Coimbra desde 1945, cabe lembrar que só muito recentemente se concluíram os seus trabalhos de tratamento, os quais culminaram na disponibilização do mesmo em catálogo.

Em termos quantitativos, acedemos a um total de 14 cartas autógrafas de Carolina Michaëlis de Vasconcellos dirigidas ao colega espanhol, desde a mais antiga, de 18 de Setembro de 1898, até à última conhecida, de 24 de Março de 1921.¹¹ Por seu turno, das missivas que Ramón Menéndez Pidal enviou a D. Carolina, restam apenas 11 documentos autógrafos no Espólio da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, alguns sem datação inscrita, mas cuja localização no tempo se pode estimar entre 21 de Janeiro de 1901, o mais recuado, e 19 de Agosto de 1924, o mais recente.

Apenas em dois casos é possível determinar umnexo lógico e cronológico entre as cartas de um e do outro, a partir de uma análise de conteúdo.¹² Refiro-me concretamente à carta da filóloga alemã de 19 de Dezembro de 1912,¹³ que obtém resposta do interlocutor em carta garantidamente redigida nos inícios de 1913, muito provavelmente ainda durante o mês de Janeiro.¹⁴ O outro caso de resposta sequencial é o da carta de 24 de Março de 1921 remetida por Carolina Michaëlis de Vasconcellos,¹⁵ à qual Menéndez Pidal se apressa a responder a 29 do mesmo mês.¹⁶ Isto é: para

Menéndez Pidal e de María Goyri a Carolina Michaëlis de Vasconcellos (conservadas no Espólio de Carolina Michaëlis de Vasconcellos da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra).

¹¹ Efectivamente, de início localizámos apenas 10 cartas de D. Carolina dirigidas a Ramón Menéndez Pidal, uma das quais, a M156004, datada de 29/09/1908, só identificávamos através de uma citação de Diego Catalán (*vide* nota 10). Da existência do seu original, tal como do de outras 4 (cotas M156001, M156002, M156003 e M156005, correspondentes ao período mais recuado da correspondência, entre 1898 e 1912) apenas muito recentemente tivemos delas conhecimento no espólio de Ramón Menéndez Pidal.

¹² Cf. anexos 1 e 2.

¹³ Carta com a cota M156005.

¹⁴ Documento com a cota MS.CMV3.82.

¹⁵ Carta sem cota inscrita, que por conjectura pensamos ser a M156012.

¹⁶ Através da carta com a cota MS.CMV 3.85.

muitos dos assuntos tratados nesta correspondência deveremos supor, pelo menos, uma carta precedente que se terá supostamente extraviado, o que perturba, nalgumas situações, a análise dos documentos e, por conseguinte, a formulação de conclusões.

Ainda segundo se pode observar a partir dos índices epistolares anexos,¹⁷ registamos uma discrepância bastante significativa na distribuição cronológica das cartas. No caso das missivas de Ramón Menéndez Pidal dirigidas a D. Carolina, um dos núcleos mais significativos data dos inícios do século XX (1901-1904), efectivamente inexistente nas cartas de Carolina a Ramón Menéndez Pidal. Já o epistolário de D. Carolina tem início em período mais recuado, manifestando uma interessante incidência nos anos de 1898, 1899 e, sobretudo, 1900 (com duas cartas enviadas a Don Ramón), cujas respostas se desconhecem.¹⁸ E mesmo no que respeita às cartas pertencentes ao núcleo de 1912-14, comum aos dois epistolários, a análise de conteúdo demonstra, como vimos, que apenas num caso concreto se pode estabelecer uma relação sequencial directa entre si. À semelhança do que se observa neste período inicial da relação epistolar, sabemos ainda, a partir da concentração de cartas enviadas por D. Carolina em 1920,¹⁹ que esse terá sido um ano de intensa comunicação profissional e pessoal entre os dois, embora desses contactos também não restem ecos nas cartas de Menéndez Pidal conservadas na Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra. Também o contacto epistolar conservado de 1921 continua a revelar o mesmo afã colaborativo entre os dois filólogos (patente no tratamento de questões académicas tal como no processo de preparação da grande obra que D. Carolina publicaria no ano seguinte em Espanha, os *Autos Vicentinos*). Por seu turno, a última carta redigida por Menéndez Pidal de que temos constância, na qual chama a atenção para o excesso de trabalho que o impede de aceitar mais compromissos,

¹⁷ *Id.* nota 15.

¹⁸ Documentos M156001; M156014; M156002 e M156003.

¹⁹ Penso nas cartas de 08/04/1920 (carta sem cota visível no documento; supõe-se que seja a cota M156009); de 07/07/1920 (cota M1560010) e de 18/08/1920 (cota M156011).

supõe necessariamente a existência de uma outra missiva da sua interlocutora, carta à qual responde directamente, mas que se terá entretanto perdido.

Para além da correspondência trocada entre os dois filólogos, sabemos que terão existido contactos directos entre Carolina Michaëlis de Vasconcellos e Maria Goyri,²⁰ contactos esses que, não obstante, não cremos que se tenham consubstanciado numa troca de correspondência intensa entre as duas. Dois argumentos suportam esta afirmação: por um lado, a total ausência de cartas de D. Carolina no espólio de Maria Goyri depositado na *Fundación Ramón Menéndez Pidal*, onde não resta qualquer documentação directa referente ao estabelecimento desta rede feminina mas apenas esparsas referências indirectas em cartas dirigidas por Goyri a terceiros; por outro lado, a conservação, no espólio de Carolina Michaëlis de Vasconcellos na Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, de um número muito pouco expressivo de documentos que dão, apesar de tudo, conta desse contacto pessoal (duas cartas autógrafas

Carolina Michaëlis de Vasconcellos, Ramón Menéndez Pidal e María Goyri de María Goyri a D. Carolina, 1901²¹ e 1910;²² e dois grupos de apontamentos autógrafos de Goyri enviados a D. Carolina. Recuperaremos este assunto adiante.

Nas esferas do público e do privado: redes pessoais e académicas

a) O âmbito familiar

Os avatares de um espólio podem ser múltiplos e de repercussões eventualmente gigantescas. Não obstante, no caso dos epistolários em estudo, apesar das significativas ausências que acabamos de diagnosticar, com perdas irreparáveis de sentido, o contributo destas cartas faz-se sentir em distintos aspectos. Vejamos, resumidamente, alguns deles.

Por um lado, este epistolário permite-nos confirmar as próximas relações pessoais mantidas entre Michaëlis de Vasconcellos e Menéndez Pidal. Sabemos, a partir de uma carta de D. Carolina, de 8 de Abril de 1920,²³ que era do seu desejo que o colega espanhol a visitasse novamente, o que prespõe, de facto, pelo menos uma estadia anterior de Ramón Menéndez Pidal em Portugal e, logo, um contacto pessoal bastante estreito entre os dois académicos. Este contacto de proximidade entre as duas famílias surge exposto de forma inegável num postal de Carolina Michaëlis de Vasconcellos, datado apocrificamente de 14 de Agosto de 1916 e dirigido a Don Ramón Menéndez Pidal, ao Hotel Central de Praia de Âncora. A "admiradora e amiga muito sincera", que nesse período fazia férias em Matosinhos, apressa-se a regressar à sua casa da Rua da Cedofeita, no Porto, para receber a família Menéndez Pidal. Esta mesma viagem familiar a Portugal aparece por seu turno desenvolvida pela pena de Maria Goyri em carta à mãe, Amalia Goyri, datada de 7 de Agosto de 1916 de Vila Praia de Âncora, na qual relata detalhadamente as impressões das

²⁰ De María Goyri de Menéndez Pidal (1873-1954), insigne pedagoga e filóloga de origem basca que viria a contrair matrimónio com Don Ramón Menéndez Pidal em 1900, os relatos biográficos omitem constantemente a interessante espessura de personalidade, apresentando, inclusivamente, alguns dos biográficos inexactos, e preferindo destacar normalmente a enorme devoção que María Goyri dedicou aos assuntos intelectuais do marido, salientando-se de igual modo esse rasgo de abnegação perene assumido até ao final da vida que a catapultou para a condição de grande colaboradora de Menéndez Pidal. Não traçarei aqui qualquer sinopse biográfica de María Goyri, pois é sobejamente reconhecido o seu preponderante papel no impulso dos estudos sobre o romancero de tradição oral e na organização do monumental arquivo do romancero hoje apropriadamente designado *Archivo Menéndez Pidal-Goyri*, ao lado do marido, e em particular pelo exímio estudo que desenvolveu sobre o romance da *Morte do Príncipe D. João*, em 1904. Embora, na realidade, a bibliografia que publicou esteja longe de ser extensa (cf. Cid Martínez 2014), a vivacidade e a precisão que colocou nos trabalhos que levou a cabo dão conta de uma filóloga da mais elevada estirpe. Veja-se, a este propósito, o estudo de Gaibrois de Ballesteros, de 1956. Muito recentemente, quando o nosso estudo se encontrava já numa fase de elaboração bastante avançada, tomámos conhecimento da redacção de uma tese de doutoramento dedicada à figura de María Goyri. Intitula-se *María Goyri. Su mundo y su entorno 1873-1954*, é da autoria de Elvira Ontañón Sanchez sob a orientação de Guadalupe Gómez Ferrer e foi apresentada em 2016 à *Facultad de Geografía e Historia de la Universidad Complutense de Madrid*. Lamentavelmente, não nos foi possível aceder a esta tese, que à data em que escrevo estas linhas ainda não se encontrava disponível para consulta. Pese embora todos os esforços empreendidos, não foi possível obter o documento por outras vias.

²¹ Documento MS.CMV_2-153.

²² Documento MS.CMV_2-154.

²³ Carta sem cota inscrita, que conjecturamos ser a MS156009.

investimento na reflexão sobre a condição humana que não é de todo usual no seu epistolário a Pidal.²⁶

b) O âmbito científico

O empenho na transmissão de obras, de dados e de conhecimento entre os dois filólogos afirma-se como um dos tópicos mais significativos e recorrentes desta rede epistolar, de parte a parte, num movimento incessante e prevalecente ao longo de todas as cartas trocadas. Poderíamos, por isso, enumerar variadíssimas passagens que o comprovam e das quais seleccionámos somente algumas ilustrativas. Veja-se, a título exemplificativo, como na carta de Menéndez Pidal de 26 de Janeiro de 1901 se confirma este ênfase na circulação de ideias bem como o franco empenho de ambos no debate científico, na difusão dos próprios trabalhos, mas antes de mais na promoção de uma admiração e de um respeito científico indelével entre os dois académicos que não denota o mínimo abalo pela condição feminina de D. Carolina.²⁷ Afirma, deste modo, o filólogo espanhol:

Señora mía: he recibido la 2ª reseña de *La Céstima*,²⁸ que mucho le agradezco. Desearía me dijese donde le remito la *Crónica*, si a Porto o a Lisboa. Deseando el restablecimiento de la salud de su marido, quedo de V. afectísimo. R. Menéndez Pidal. (Menéndez Pidal 1901: [Carta-postal Ms. CMV_3-77]: fl1v).

²⁶ "Aperto-lhe a mão, comovida, e abraço sua mulher, chorando. Creia bem que tomo parte na dor enorme que amargou a sua existência. [...] Somente pouco a pouco o tempo avassalador (que com dureza obriga a sobrepor-nos às mágoas do nosso coração a atividade corriqueira de todos os dias e as sensações novas, por ela provocadas) preencherá a lacuna que o seu Ramoncito deixou." (Michaëlis 1908 [M156004]: fl. 1r). Assim aborda D. Carolina o assunto particularmente doloroso da perda do filho do amigo, para em seguida prosseguir no mesmo registo confessando o seu próprio sofrimento familiar devido à quase perda do neto por doença, que felizmente não chegou a consumar-se. No entanto, a análise de conjunto deste epistolário mostra-nos que o investimento demorado em assuntos do foro tão íntimo por norma não é dominante, excepção feita neste caso tendo em conta a gravidade da tragédia pessoal de Don Ramón.

²⁷ Sobretudo se pensarmos que D. Carolina foi tida como uma figura absolutamente excepcional numa época em que o sucesso académico feminino ainda era raríssimo, e que foi ela a primeira catedrática da universidade portuguesa.

²⁸ Refere-se Menéndez Pidal à recensão que Carolina Michaëlis de Vasconcellos redigiu à edição da responsabilidade de Menéndez y Pelayo da *Tragicomedia de Calisto y Melibea*.

férias bem como as rotinas da família e ainda um ou outro pormenor que reteve.²⁴

De salientar ainda é o facto de, ao longo da correspondência que dirige a D. Carolina, a família, sobretudo os filhos de Menéndez Pidal serem tema frequente de notícia. A família cresce e é sumariamente descrita, ao longo destas cartas, juntamente com os *faits divers* que caracterizam a sua rotina. Aliás, Menéndez Pidal refere-se caracteristicamente e com alguma regularidade aos filhos, dos quais não se coíbe de relatar certas particularidades. D. Carolina responde, pese embora com maior reserva e até ostentando alguma circunspeção no aforamento dos assuntos de natureza familiar, a qual suspende apenas para incluir determinados comentários sobre a educação e a saúde dos netos. Neste epistolário trata-se, umas vezes mais demoradamente do que outras (sem se abdicar, no entanto, de um característico registo descontraido), o circunstancial da vida do clã Menéndez Pidal (os partos, as graças das crianças, a vida escolar).²⁵ Todavia, a tragédia pessoal não deixará também de ocupar o seu espaço nesta correspondência, facto que se encontra sobretudo patente na carta que Carolina Michaëlis de Vasconcellos envia a 29 de Setembro de 1908 de Entre-os-Rios, onde veraneava, a Menéndez Pidal, na qual começa por, comovidamente, enviar as condolências ao casal Menéndez Pidal/Goyri pelo falecimento do pequeno Ramón, com um significativo

²⁴ Esta carta encontra-se depositada no *Archivo epistolar de la Fundación Ramón Menéndez Pidal*. A título de curiosidade, à mesma estadia em Portugal que é anunciada pela correspondência remontará uma versão muito completa do romance *Conde Alarcos* referente à tradição oral moderna portuguesa (tema com o código de IGR 0503), atesourada no *Archivo Menéndez Pidal-Goyri*. Trata-se de um documento manuscrito em papel quadrado (2 páginas com a versão a uma coluna, ao centro), de caligrafia não identificada. Anotada, por outra mão, na margem direita das páginas 1 e 2, encontra-se a citação DOC 28.1 e 28.2, seguindo a ordem de paginação. No topo da página 1 é acrescentada a classificação "Silvana + Conde Alarcos" pelo punho de María Goyri. O texto, que permanece inédito, encontra-se em Português e, no fim, apresenta a indicação de lugar e data: "Áncora (Portugal) 1916". Sem dúvida, terá sido uma versão copiada por alguém na zona, que a entregou ao casal Pidal-Goyri durante as mencionadas férias no norte de Portugal. Também a viagem a Portugal em 1916 daria, portanto, o seu singular contributo para a edificação do arquivo do romancero no qual María Goyri tão arduamente trabalhou.

²⁵ Por exemplo, em carta de Janeiro de 1913 (MS. CMV_3-82), Menéndez Pidal dá conta a Michaëlis que: "Nosotros vivimos ahora muy felices con el 'nuevo amor' de un nene de 21 meses que se cría muy bien." (fl. 1v), referindo-se à felicidade proporcionada pelo nascimento do filho Gonzalo Menéndez Pidal (1911-2008), que viria a destacar-se como eminente historiador.

Mais tarde, em carta de 9 de Janeiro de 1912,²⁹ confessa: "Mucho me animan sus palabras acerca de *Mío Cid*." E pede: "Cualquier advertencia que sobre la obra quiera hacerme, será muy agradecida." (Menéndez Pidal 1912 [Ms. CMV_3-83]: fl. 1v). Tratando-se esta de uma obra de Menéndez Pidal que só sairia dos prelos em 1913, a passagem transcrita vem pôr em evidência o facto de D. Carolina ser uma leitora privilegiada, crítica e, sobretudo, muito respeitada pelo académico espanhol, revelando-se aqui que o filólogo lhe confiava algumas obras para sua revisão previamente à publicação.

Assim, até à mais recente das cartas conhecidas (a que remete Menéndez Pidal, a 19 de Agosto de 1924, recorde),³⁰ nunca esmorece o índice de confiança intelectual entre os dois eruditos, seja no desejo de leitura crítica dos trabalhos um do outro, seja nos reiterados pedidos de partilha de informação de carácter científico.

c) O âmbito institucional

Mas para além desta muito estreita cooperação científica sem a qual nenhum dos dois teria alcançado os méritos que as suas publicações granjearam, a rede Michaëlis/Menéndez Pidal trabalhou ainda no desenvolvimento de alguns projectos que nos permitem uma melhor compreensão do tecido cultural que os envolvia e movia, até pelas pistas que fornecem acerca da formação de outras redes paralelas, segundo é também revelado nos seus epistolários.

Das cartas do designado núcleo de 1912-14, sobressai um dado interessante para a compreensão da relação institucional entre os dois académicos. Refiro-me em particular à notícia da presença na Universidade de Coimbra do filólogo Antonio García Solalinde (Toro, 1892 – Madison, Wisconsin, 1937), discípulo de Menéndez Pidal. Este tema anima a correspondência entre eles durante o mencionado período, ora em avaliação da prestação de Solalinde, ora em comentários ao

²⁹ Carta com a cota Ms. CMV_3-83.

³⁰ Com a cota Ms. CMV_3-87.

protectorado exercido por Carolina Michaëlis de Vasconcellos a este prometedor intelectual, que, lamentavelmente, faleceu ainda jovem. O espistolário de D. Carolina informa que Solalinde terá desempenhado funções de assistente junto da catedrática alemã, porém sem ter provavelmente recolhido grandes frutos dessa prestação, motivado por um desempenho que a catedrática descreve como irregular. Entende-se, deste modo, a presença de Solalinde em Coimbra como mais uma prova da estreita e sincera cooperação académica entre os dois correspondentes, que não chega, sublinhe-se, a ser corroída pela ausência do desejável sucesso que se esperava do jovem investigador espanhol na sua passagem pela academia portuguesa e que as cartas de D. Carolina revelam não ter sido totalmente alcançado.

Mas se dos projectos concretizados reza a História, a correspondência privada congrega a capacidade de dar também conta daqueles esboços que nunca deixaram de o ser e que, portanto, muitas vezes não chegaram tão-pouco a sair do registo da mera confidência pessoal. Penso, nomeadamente, no desejo de fundação de "um Instituto, ou melhor, na coleção de meios para subvencionar apóstolos novos da Antiguidade Clássica" manifestado por D. Carolina a Menéndez Pidal, em carta de 7 de Julho de 1920,³¹ em redor do qual pretendia reunir os helenistas e latinistas de Madrid e, a ser possível, de toda a Espanha, conforme confessa no seu texto.

Desse mesmo ano datam os primeiros indícios de que D. Carolina pretendia abandonar as funções docentes, que sem dúvida lhe custavam a saúde em virtude das viagens semanais que empreendia entre Coimbra e Porto, onde residia.³² Efectivamente, em carta de 8 de Abril de 1920 escrevia a Menéndez Pidal que "O requerimento, relativo à minha exoneração está redigido, mas ainda não foi entregue por ser politicamente inoportuno" (Michaëlis 1920 [Carta M156009]: fl1v).

O cansaço, assumido com crescente ênfase nas cartas que dirige desde então a Menéndez Pidal, será uma confidência pessoal que justifica o

³¹ Na carta com a cota M156010: fl. 2v.

³² Note-se que a catedrática só abandonaria a Universidade de Coimbra em Fevereiro de 1925, ano da sua morte, já significativamente doente.

desejo de exoneração de D. Carolina. Daqui em diante, esta aspiração virá a assumir contornos sérios e a tornar-se um plano, dando mesmo lugar, depois, a um pedido, entretanto manifestado oficialmente à Faculdade que a acolhia. Como é expectável, os contornos desse desiderato exigiam a D. Carolina a planificação das suas substituições, empresa que as cartas que enviou a Ramón Menéndez Pidal nas quais aborda o assunto revelam ser de enorme dificuldade, muito resumidamente porque os discípulos de D. Carolina não estavam suficientemente à altura da responsabilidade, segundo a própria, nem em Portugal localizava alguém que o estivesse.³³

Mas sem dúvida que o aspecto mais curioso que envolve este desejo de afastamento de D. Carolina da vida académica coimbrã reside no facto de, na sequência do requerimento de exoneração, a catedrática convidar informalmente Menéndez Pidal a assegurar um conjunto de aulas na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, na carta de 7 de Julho de 1920:

Eu tive o arrojio de lembrar-lhes [aos colegas da universidade], convidassem V.[ossa] E[xcelsência] para, por especial favor, honrar e abrilhantar as aulas da secular Universidade, com a sua presença temporária, encarregando-se de um Curso de Romanística e outro de Literatura Castelhana no ano lectivo de 1920 a 1921. (E quantos anos mais quizer, se quizer, já se vê). Fiz mal? Fiz bem? Poderá ser? Perdoo-me V[ossa] E[xcelsência] e perdoe-me a Senhora D. Maria a minha ousadia!

É por ora apenas em particular que me atrevo a comunicar-lhe essa ideia que foi acolhida pelos colegas com verdadeiro entusiasmo. [...] (Michaëlis 1920 [Carta M156010]: fl1v e fl2r)

Sabe-se ainda, a partir da informação contida em várias cartas da própria, que Don Ramón recusou o convite, sem que possamos conjecturar os motivos da negativa. Descartamos, sim, que a recusa não se terá devido a dificuldades no estabelecimento de um acordo com a Universidade de Coimbra pois D. Carolina clarifica, na mesma carta, que lhe deixa "inteira

³³ A confidência do desgaste físico provocado por uma vida académica muito exigente é feita por Carolina Michaëlis de Vasconcellos desde bastante cedo. Em 1912, em carta de 19/12 (cota M156005) já se queixava do cansaço que lhe causavam as idas semanais do Porto a Coimbra. Mas sobretudo em toda correspondência identificada que dirige a Ramón Menéndez Pidal entre 1920 e 1921 ocupa-se insistentemente do tema da sua necessária exoneração, que passa assim a adquirir o estatuto de plano conjunto entre os dois.

liberdade para a formulação das condições". (Michaëlis 1920 [Carta M156010]: fl 2r).

Na esteira da resposta de Menéndez Pidal, D. Carolina endereça então o convite a outro ilustre hispanista discípulo do editor do *Cantar de mio Cid*: Don Américo Castro.³⁴ No entanto, também não viria a concretizar-se a vinda de Américo Castro para a universidade portuguesa, segundo se pode subentender a partir da carta que D. Carolina dirige a Menéndez Pidal a 24 de Março de 1921.³⁵ Saíam, deste modo, gorados os planos visionários da romanista alemã para dotar a Universidade de Coimbra de um corpo docente de renome na área dos estudos românicos, o que, a realizar-se, teria reforçado à época os estudos hispânicos propriamente ditos naquela instituição.

Michaëlis e Goyri: notas para a compreensão de uma discreta rede feminina

"Com afectuosas lembranças, para V.[ossa] Ex.[celsência] e sua esposa [...]" (Michaëlis 1900 [carta sem referência inscrita visível – M156003?]: fl2 r): é com esta fórmula de despedida que Carolina Michaëlis de Vasconcellos saúda Don Ramón na carta que expede a partir do Porto, a 8 de Outubro de 1900. Efectivamente, na correspondência trocada entre os filólogos antes do casamento de Menéndez Pidal – Don Ramón e María Goyri haviam contraído matrimónio a 5 de Maio desse mesmo ano, de acordo com a informação constante na certidão de casamento³⁶ – não encontramos qualquer menção a Goyri, sendo esta a primeira marca epistolar conhecida de referência à esposa do colega espanhol. Essas referências virão, com efeito, a tornar-se uma constante. E se essa forma de inclusão de María Goyri na correspondência a Menéndez Pidal (e na de Menéndez Pidal a Carolina) se restringe nalguns momentos, é certo, a uma mera

³⁴ O assunto é tratado na carta de 18 de Agosto de 1920, cota M156011.

³⁵ Carta sem cota visivelmente atribuída. Por conjectura, pensamos tratar-se da cota M156012.

³⁶ Informação *apud Cronología de María Goyri* (documento pessoal de Sara Catalán, gentilmente cedido para consulta no âmbito deste estudo).

fórmula de cortesia, noutros excede em muito a simples obrigação protocolar, obrigando-nos a procurar-lhes um sentido mais profundo.

Devo lembrar, não obstante, que as provas documentais de uma relação directa entre as duas mulheres não são, de todo, abundantes, como se viu, o que parece assim refrear a sugestão de uma rede feminina de substância, ainda que admitamos a provável perda de cartas, teoria que também justificaria, de resto, o restrito número de documentos autógrafos da mulher de Menéndez Pidal no espólio coimbrão de Carolina Michaëlis de Vasconcellos (duas cartas e dois grupos de apontamentos, recorde). E parece, de facto, ser necessário supor a perda de correspondência. Só para citar um caso que o ilustra, atentemos na carta de 18 de Agosto de 1920, na qual Michaëlis escreve a Menéndez Pidal³⁷ para abordar os costumesiros assuntos que os unem e que a ocupam por esses tempos, a saber: a sua substituição na Universidade de Coimbra e a introdução à edição dos *Autos Vicentinos*. No final, despede-se, desejando que "Oxalá o descanso e sossego de San Rafael [residência de Verão de Don Ramón] faça bem, a V. [ossa] E. [xcelência], a Senhora Dona María, à qual agradeço de coração a sua lembrança, que breve conto retribuir, e aos filhos." (Michaëlis 1920 [M156010]: fl. 2v), lembrança da qual ouvimos aqui falar pela primeira vez, na medida em que não localizámos, nos epistolários estudados, qualquer carta anterior de María Goyri ou de Menéndez Pidal que desse conta desse facto.

Detendo-nos sobre o significado deste mesmo fragmento, começa então a tomar forma a ideia de uma certa mediação da relação entre Carolina e María. Fosse por mera economia – D. Carolina escreve a Don Ramón e, de passagem, envia um recado a María Goyri – fosse porque a comunicação directa entre as duas mulheres se visse de algum modo diminuída pela força e pela constância da rede académica vigente entre os dois eruditos, se confirma a presença (e logo, interferência) muito constante de Menéndez Pidal nesta rede. Basta pensarmos, para tal, na grande frequência com que Don Ramón envia recados da mulher a D. Carolina

³⁷ Carta com a cota M156011.

ou permite que, em *post scriptum*, aquela se dirija pessoalmente à sua interlocutora,³⁸ que passa, por extensão, a interlocutora de ambos.³⁹

Algo de semelhante se verifica na passagem final da carta que Ramón Menéndez Pidal remete a D. Carolina de Madrid, a 19 de Março de 1904, quando afirma: "Mucho desea mi mujer ver su nota sobre el Lucanor, que le servirá de guía y enseñanza pa[ra] redactar la suya." (Menéndez Pidal 1904: [Ms.CMV_3-81] fl.1 r).⁴⁰ Este envio teria efectivamente lugar no ano seguinte, durante a longa ausência de Menéndez Pidal, então em viagem pelo continente americano (entre Dezembro de 1904 e Junho de 1905). D. Carolina remete a María Goyri o texto que o marido desta lhe mandara pedir e a prova cabal de que o assunto foi resolvido por via epistolar entre as duas mulheres surge explicitado na abundante e não menos interessante correspondência que María Goyri endereça ao marido durante a ausência deste. Michaëlis de Vasconcellos teria então cumprido o pedido de envio da nota a María Goyri, embora desconheçamos a sua reacção à recepção do documento. Por outras palavras, apenas dela temos notícia de forma indirecta, quando a mulher de Don Ramón informa o marido, que nessa altura se encontrava em Lima, de que:

³⁸ Na carta remetida por Menéndez Pidal (Ms. CMV_3-82) – que julgamos remontar a Janeiro de 1913 – surge inclusivamente a intromissão pessoal de María Goyri, que, com a sua mão, saída D. Carolina desejando-lhe um feliz ano novo ao mesmo tempo que menciona, no ínfimo espaço livre que lhe resta da página, que "No me explicaba como cumplía V. [uestra] Ex[celencia]. con su Cátedra de Coimbra; comprendo que le moleste el viaje semanal", época na qual D. Carolina confessava já em privado o seu descontentamento com as condições em que desempenhava a sua actividade académica. Também a 29 de Março de 1921, indicava Menéndez Pidal, justamente no remate da carta, que "María (que ahora trabaja mucho en lexicografía) me encarga muy afectuosos recuerdos del día pasado en Porto"; (Menéndez Pidal 1921 [Ms. CMV_3-85]: fl.1 v) em referência ao encontro de 1916.

³⁹ Extrapola-se, pois, neste caso, a mera fórmula de cortesia epistolar de referência ao cônjuge do destinatário (de facto, Menéndez Pidal também pergunta frequentemente pela saúde do marido de D. Carolina mas sem que com isso possamos observar neste interesse nada que vá além do mero tópico epistolar). Exemplo desta mera prática de cortesia epistolar da saudação do cônjuge é a passagem da carta de 26 de Janeiro de 1901, na qual Menéndez Pidal se despede de D. Carolina "Descaendo el restablecimiento de la salud de su marido [...] (Menéndez Pidal 1901 [Ms. CMV_3-779: 1v]).

⁴⁰ «Zum Sprichwörterschatz des Don Juan Manuel». *Bausteine zur romanischen Philologie. Festgabe für Adolfo Mussafia*. Halle, Niemeyer, pp. 594-608: eis a mencionada "nota" a que se refere Don Ramón e que Michaëlis viria a publicar em 1905. É conhecido o interesse de María Goyri na obra de Don Juan Manuel, à qual dedicou uma importante parte do seu tempo e da sua energia desde muito cedo, mesmo em época anterior ao casamento com Don Ramón. A almejada edição crítica do *Conde Lucanor*, que preparava, permaneceu, todavia, por publicar. Cf., sobre este assunto, Cid Martínez 2014: 53.

[...] La Michaelis me ha enviado una parte de su artículo sobre el Lucanor. Lo he leído por encima para <contest> escribirla hoy mismo, y se lo he dado a Carmen para traducirlo por si te parece que dé cuenta de ello en la Revista.⁴¹ Me lo brinda como contribución para la edición futura y me desmiente que sea yo la primera que haya dado la solución de los enigmas. Es una de las primeras cosas que tenemos de leer juntos. (Goyri, 1905: carta ms. autógrafa depositada no Arquivo epistolar de la *Fundación Ramón Menéndez Pidal*)

Instistimos: se María Goyri terá ou não respondido directamente a Michaëlis acerca deste assunto de âmbito científico, conforme tencionia, não sabemos. Contudo, pelo tratamento que é dado a este assunto por três intervenientes, não deixa de chamar a atenção, uma vez mais, a mediação masculina, já que foi por intermédio do marido que María Goyri recebeu o artigo da catedrática alemã, apressando-se a perguntar-lhe ainda que procedimento deveria adoptar em relação à sua divulgação.

Mas atentemos ainda no caso paradigmático oferecido por esta peculiar passagem da carta de 4 de Junho de 1914 de Carolina Michaëlis de Vasconcellos a Menéndez Pidal:

Imaginava que V.[ossa] E.[xcelência] já estava na América. Que a sua viagem seja feliz e fecunda. Se V.[ossa] E.[xcelência] me autoriza a incomodar a S[enho]ra D. Maria com as provas da Crónica claro que apreciarei a permissão. Com lembranças afectuosas para ela. De V.[ossa] E.[xcelência] admiradora sincera e gratíssima, Carolina Michaëlis de Vasconcellos. (Michaëlis 1914 [M156007]: fl. 2v)

Entre Julho e Dezembro desse ano, Menéndez Pidal viajou (sem a família) ao Chile e ao Perú, viagem à qual se refere a colega alemã. Por este motivo, com naturalidade se subentende que María Goyri tenha assumido em Madrid pelo menos algumas das tarefas académicas do marido. Não deixa de ser deveras curioso, contudo, que D. Carolina necessitasse de pedir autorização para trabalhar directamente com María Goyri em assuntos de natureza científica, o que sugere uma óbvia subordinação desta a Menéndez Pidal na gestão da sua própria agenda e da agenda de trabalho comum. Se este facto vem, por seu turno, reforçar a presença tutelar

⁴¹ Talvez Goyri se refira à preparação do primeiro número da revista *Cultura Española*, que sairá no ano seguinte, e cuja Secção de Filologia e História literária é da responsabilidade de Ramón Menéndez Pidal, ou eventualmente do último número da *Revista de Aragón*, que saíra nesse ano, antecedente da revista de *Cultura Española*, onde Don Ramón já assumia as mesmas responsabilidades.

de Menéndez Pidal sobre a mulher em termos científicos, a estranheza do pedido de D. Carolina impõe-se, tanto mais se agregarmos que o contacto entre as duas já não seria recente em 1914.

María Goyri: uma figura peculiar

E aqui chegamos a outra questão não menos relevante, que é a do debate em torno da figura de María Goyri, uma erudita aparentemente apagada (ou que se apagou premeditadamente, segundo se suspeita) no que ao reconhecimento do seu próprio trabalho concerne, ao manter-se na sombra ao passo que a pujança intelectual do marido se afirmava.

Não exageramos quanto a este aspecto. Num artigo de 3 de Fevereiro de 1952, dois anos antes do seu desaparecimento, María Goyri é caracterizada na imprensa espanhola (no periódico *ABC*) como segue:

Sin embargo, ahí está esa ayuda presente en todo momento, tan diligente en los años cansados como lo fue en la juventud, atenta siempre a la menor indicación, despreciadora de toda fatiga, desligada de personales aspiraciones, continua, ca-paz.

María supo penetrarse inmediatamente de los temas que interesaban a su marido y se consagró a ellos con vigilante entusiasmo. Fue ella, y precisamente en su viaje de novios, quien descubrió el primer romance castellano conservado por tradición cuando todos negaban que tal tradición existiese en Castilla [...] Desde entonces son miles y miles los romances que María ha manejado. (Bernis 1952: 7)

Refira-se, desde já, que não consta que o retrato de mulher abnegada em proveito dos interesses intelectuais do marido, tal como nos é apresentado aqui, tivesse sido contestado por María Goyri. Veja-se nomeadamente o facto, que viria a tornar-se mítico, de que a sua ligação ao estudo do romanceiro nasce após o casamento, mais precisamente durante a lua-de-mel – cabendo a Goyri a responsabilidade pela exumação da primeira versão da tradição oral castelhana do romance da *Morte do Príncipe D. João* – momento em que, conforme se lê no fragmento transcrito do artigo, teria despertado na esposa dedicada o desejo de acompanhar o marido no estudo e recolha do romanceiro castelhano, área dos estudos filológicos em que viria, efectivamente, a doutorar-se em 1909.

Ora, segundo comprovam materiais depositados na *Fundación Ramón Menéndez Pidal*, as incursões de Goyri pelo romanceiro são anteriores ao casamento, pois sabe-se que tinha planificada a reunião de um *Romancero escolar* em finais da década de 1890. Em carta dirigida ao então futuro marido, lê-se:

De los romances no hago por ahora nada, me lo han prohibido hasta que me doc-tore. Si me decido a trabajar algo ya sabe V. que a nadie mejor que a V. puedo pedir consejo y ayuda, a pesar de que delante de Giner,⁴² dijo V. que no podía darme consejos. (Goyri 1898 [carta familiar]).⁴³

Uma outra mistificação em torno da biografia de María Goyri que, no nosso entender, tem contribuído, embora indirectamente, para cimentar a ideia de uma influência tutelar de Menéndez Pidal sobre a formação e a orientação científica mulher é a de que esta foi sua aluna na universidade, noção contestada já desde há muito mas que ainda assim parece equivo-camente pairar. De qualquer modo, independentemente dos matizes mais ou menos carregados com que possamos encatar uma eventual subordinação intelectual, certo é que parece não restarem dúvidas quanto à magnificência de uma obra que não é devidamente reconhecida a María Goyri. A confirmar este aspecto – e porque os ventos actuais são de reabilitação do papel desta investigadora – sirvo-me das clarificadoras pa-lavras de Jesús Antonio Cid:

Sin embargo, no hay duda de que su gran obra como filóloga fue la dedicada al Romancero, y en especial a la localización e identificación de versos del [sic] ro-mances, utilizados o citados en obras literarias españolas y en otras lenguas. El despojo sistemático de varios miles de obras se plasmó en las innumerables fichas y anotaciones que incorporó al Archivo del Romancero, y que fueron de enorme utilidad para los trabajos de Ramón Menéndez Pidal, Diego Catalán, y todos los que han utilizado posteriormente el archivo [...] y que rara vez reconocen la deuda. (Cid Martínez 2014: 53)

Pese embora o exposto, insisto que nada leva a crer que Goyri se tivesse rebelado contra a sua situação pessoal, no duplo papel de mãe de família

⁴² Refere-se naturalmente a Francisco Giner de los Ríos (1839-1915), eminente pedagogo, que foi di-rector da Institución Libre de Enseñanza, à qual María Goyri esteve vinculada.

⁴³ Esta informação foi-me gentilmente facultada por Sara Catalán.

e pedagoga irrepreensível conjugado com o de investigadora incansável. No plano privado, impressiona, efectivamente, a partir da observação ge-nérica da correspondência íntima que a própria troca com Menéndez Pidal, após o casamento, a total franqueza e abertura com que sempre se lhe dirige, denunciando uma firme igualdade de tom e um constante apreço intelectual, aliás, mútuo.

Menéndez Pidal e Goyri: a educação feminina em questão

Na bibliografia provisória de María Goyri que Jesús Antonio Cid apre-sentou em 2014 listam-se três entradas (precisamente as suas três primei-ras publicações), que foram, curiosamente, dedicadas ao feminismo. São elas:

de 1893: «Lo que piensan las mujeres de su educación. Una información». *Escuela Moderna* III/23, 82-86.

de 1898: «Crónicas femeninas». *Revista Popular* I, 16-XII, y 30-XII.

de 1899: «El próximo Congreso Feminista». *Boletín de la Institución Libre de Enseñanza* XXIII/470 (31 mayo), pp. 131-133.

No ano seguinte ao da última publicação listada, em 1900, portanto, María Goyri casar-se-ia com Don Ramón e a verdade é que, excepção feita para um artigo de 1905 dedicado aos centros de cultura feminina,⁴⁴ («Los centros de cultura femenina». *Unión Ibero-Americana* XIX, 20-IV) não vol-taria a publicar sobre esta temática.⁴⁵ Se é verdade que o investimento de María Goyri em estampar obra noutras áreas do conhecimento é notório a partir do casamento (com o romanceiro e a literatura do *siglo de oro* no

⁴⁴ Para a bibliografia de María Goyri, seguimos sempre o artigo de Cid Martínez 2014.

⁴⁵ Não obstante, é de sublinhar que a ausência de futuras publicações em redor do feminismo não significou, de todo, o desinteresse de María Goyri sobre o assunto. A prova disto reside nos inúmeros materiais em torno da condição feminina e do acesso da mulher à educação (artigos de jornais, publi-cações, notas manuscritas pelo seu próprio punho, etc.) que atesourou cuidadosamente até perto da morte, materiais que tive a oportunidade de consultar na *Fundación Ramón Menéndez Pidal*, onde ac-tualmente se conservam.

topo das suas preferências),⁴⁶ também não parecem restar dúvidas de que a sua preocupação em torno da educação da mulher não esmoreceu.

Na verdade, em 1909, Maria Goyri acompanha o marido numa viagem aos Estados Unidos da América, onde esperava a Menéndez Pidal uma pesada agenda de conferências e recepções oficiais. Será a esposa a registar profusamente esta viagem no epistolário dirigido à mãe, Amelia Goyri, e também à pequena Jimena, que permanecera em Espanha ao cuidado da avó. Mas o significado desta viagem para Goyri seria radicalmente outro, como comprova não só a correspondência familiar mas também a existência de um pequeno bloco de apontamentos⁴⁷ onde deixou anotações sobre o ensino americano. Era esta, na realidade, a principal razão para acompanhar o marido aos EUA: a procura de modelos alternativos no âmbito da educação feminina, tema que comenta entusiasticamente na correspondência à mãe. "Llevo una porción de datos y de libros para ver de hacer algún artículo sobre estos colegios porque no hay idea de lo que son estas colonias de mujeres", confessa a Amalia Goyri.⁴⁸

A sua preferência pelo ensino misto,⁴⁹ que, porém, não se praticava nos colégios que visitou em Baltimore e nem nos de outras cidades norte-americanas por onde passou, justificou a crítica de Maria Goyri ao modelo encontrado: "He ido ya a tres clubs de mujeres. Éste es un pueblo se puede decir antifeminista en el sentido de la coeducación [...] – tal como relataria à mãe a partir de Baltimore.⁵⁰ A verdade é que, pese embora o exposto, a pedagoga espanhola não consegue esconder o deslumbramento perante a excelência da educação feminina naquela parte do mundo. Entre os inúmeros elogios que tece aos colégios femininos norte-americanos patentes na correspondência à mãe, destacamos este:

⁴⁶ Cf. Cid Martínez 2014: 56-59.

⁴⁷ Conservado também na *Fundación Ramón Menéndez Pidal*.

⁴⁸ Em carta de 24 de Março de 1909 [correspondência familiar conservada no Archivo epistolar de la Fundación Ramón Menéndez Pidal].

⁴⁹ Decorrente dos ideais krausistas da "Institución Libre de Enseñanza", à qual esteve vinculada antes do casamento.

⁵⁰ Em carta de 11 de Março de 1909.

Estos colegios de mujeres que estamos visitando hacen perder el juicio a cualquiera. El de esta población tiene 1500 alumnas [...] te diré que para comprar libros para su biblioteca tiene 5000 dollars al año. Todo de donación particular.

Não esconde, porém, logo de seguida, a opinião contrária do marido a este respeito:

Ramón dice que sin embargo le asustan estos colegios. Verdad es que nos han dicho que la relación de los divorcios es de 12 por 100 matrimonios!!! Pero nos aseguran que son poco frecuentes entre las mujeres instruidas. (Goyri 1909 [carta familiar de 11 de Março a Amalia Goyri])

Menéndez Pidal não partilhava, pelo exposto, do entusiasmo de Maria quanto aos benefícios daquele modelo pedagógico, preferindo salientar os nefastos efeitos que a educação feminina em tais moldes poderia atrair para a ordem familiar. O casal parece discrepar, pois, no que à orientação pedagógica feminista de Maria Goyri dizia respeito.

Goyri e Michaëlis: unidas pelo feminismo

Independentemente das informações que as constantes referências a Goyri na correspondência de Don Ramón possam aduzir sobre alguns dos interesses investigacionais de Maria (o plano nunca concluído de publicar a edição crítica de *El Conde Lucanor*, por exemplo, ou a sua desconhecida incursão pela lexicografia), elas concorrem com dados preciosos para a definir, tal como para dar conta dos meandros da rede de contacto entre estas duas mulheres, contacto esse que nunca foi devidamente salientado porque naturalmente só ganha relevo a partir desta correspondência e raramente em termos oficiais (exceptuando, claro, a já referida dedicatória de Carolina Michaëlis de Vasconcellos a Maria Goyri nos *Estudios Sobre o Romancero Peninsular*).

Num artigo de 29 de Janeiro de 1929 da revista espanhola *Estampa*, que aborda os primórdios da presença feminina nas universidades, Maria concede uma entrevista a L. G. De Linares na qual relata em primeira pessoa as peripécias vividas nos tempos de faculdade, referindo-se ainda às significativas conquistas que naqueles finais dos anos 20 a mulher alcançara já no campo académico, quando comparadas com as condições

de que usufruía na sua época de estudante. María Goyri deixa-se fotografar, então, para esta reportagem, em duas posturas opostas e instigadoras, que são elas próprias uma verdadeira narrativa: na primeira, María encontra-se no seu gabinete pessoal, em pleno trabalho intelectual; na segunda, retratada no rés-do-chão da casa de Chamartín, figura de aspirador em punho a representar o papel de dona de casa esmerada. No que respeita à forma como entendia o papel da mulher, esta reportagem não podia ser mais explícita: a necessária conciliação do trabalho intelectual com a vida doméstica, pela própria Goyri encarnada.

Com efeito, esta mesma visão da mulher dona de casa e gestora de família que não prescinde do estudo e da inquietação intelectual encontramos bastante bem plasmada na correspondência íntima que María Goyri envia ao marido, durante as suas ausências, sobretudo na primeira fase do casamento.⁵¹ Nela, a abordagem de questões intrínsecas à vida familiar e afectiva surge pacificamente lado a lado com o tratamento de assuntos de natureza académica e científica.

Mas pese embora esta atitude aparentemente moderada de Goyri quanto à questão feminista nos finais do século XIX e inícios de XX, à época definitivamente tão acesa, como sabemos, poderia conduzir ao equívoco de se vislumbrar nela uma certa passividade ou conservadorismo, o que implicaria ignorar a sua exigente aspiração a um tratamento igualitário no acesso à Universidade, facto que deve, bem pelo contrário, entender-se como um manifesto de verdadeira perseverança e activismo em prol dos direitos e das aspirações das mulheres.

Sugestivamente, a via do feminismo viria a impor-se como um elo de ligação entre Carolina Michaëlis de Vasconcellos e María Goyri. A relevância do assunto é acrescida, como veremos, na medida em que este tópico que movimenta a relação entre as duas mulheres numa fase inicial se projecta na correspondência privada através da mediação de

⁵¹ Correspondência familiar conservada no Archivo epistolar de la *Fundación Ramón Menéndez Pidal*, em Madrid.

Menéndez Pidal. A este respeito, é simultaneamente inquietante e reveladora, como veremos, a carta dirigida a D. Carolina por Don Ramón a 29 de Julho de 1901,⁵² da qual gostaria de trazer à colação esta passagem:

Mi mujer con los trastornos del parto y la crianza⁵³ había dejado a un lado la nota sobre el feminismo y así se pasó el plazo convenido y creyó la cosa olvidada e inoportuna ya. ¿Llegaría a mediados de octubre la tan retrasada nota? No se la podría remitir antes, porque como estamos fuera de Madrid y necesita consultar a algunas personas, tendrá que esperar al regreso. Hay poco que decir del feminismo aquí, pues faltan libros y estadísticas. La indicación de esto poco que hay la podrá hacer, según me dice, en cuatro párrafos: *Opinión feminista en general. Condición jurídica de la mujer. Profesiones de la mujer. La mujer en la Beneficencia*: procurará indicar la *Bibliografía* e incluir algunos *datos estadísticos*.⁵⁴ Le gustaría saber la opinión de V. sobre si estos cuatro párrafos responden a la idea de la Enciclopedia para que se destina la nota y aceptará agradecida cualquier indicación de V. sobre esto. (Menéndez Pidal 1901: [Ms. CMV_3_78] fls. 1r e v 2r)

Por um lado, esta passagem vem confirmar a ideia de que o contacto entre as duas mulheres (de forma nenhuma despiçando, afinal, porque ela faz eco de uma cooperação efectiva entre as duas – D. Carolina pedira a Goyri uma colaboração para uma "enciclopédia" sobre o feminismo em Espanha) se faz pelo menos em parte através de Menéndez Pidal. Em segundo lugar, vem iluminar uma face menos estudada da obra das duas filólogas (sobretudo no caso da obra de María Goyri e menos no de Carolina, pois alguns autores têm vindo a referir-se a esta vertente da obra da catedrática alemã, embora com muito menor ênfase face ao destaque que sempre é dado à sua obra filológica),⁵⁵ que é o da incursão nos estudos feministas, área que Goyri (através da pena de Menéndez Pidal) aponta estarem muito pouco desenvolvidos à época em Espanha.

⁵² Carta com a cota Ms. CMV_3-78.

⁵³ Don Ramón refere-se ao nascimento do primeiro filho do casal, Jimena Menéndez Pidal.

⁵⁴ Os itálicos constam no manuscrito original.

⁵⁵ A preocupação de Carolina Michaëlis de Vasconcellos com a educação feminina e "a simpatia e o interesse que demonstrou pelos movimentos a favor da emancipação da mulher" (Delille 2001: 44) foram já afloradas em extensão, nomeadamente em Delille (2001, 2012 e 2015). De facto, o activismo feminista da erudita alemã chegou a ter repercussões públicas em Portugal, como lembra M. Regina Tavares da Silva (*apud* Delille 2001: 44-45), através do convite que lhe foi formulado para assumir a presidência honorária do Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas.

Segundo atrás se referiu, guarda-se no espólio de D. Carolina correspondência de Maria Goyri (uma carta datada de 26 de Dezembro de 1901,⁵⁶ e uma de 1 de Abril de 1910).⁵⁷ Se na segunda das cartas se reforça a ideia de admiração intelectual entre as duas mulheres, pois nela sobressai essencialmente o agradecimento de Maria Goyri à célebre dedicatória que D. Carolina lhe fez (e ao marido) nos *Estudos sobre o Romancero Peninsular* que já referimos, a primeira missiva, pelo contrário, revela-se bem mais interessante, nomeadamente para a compreensão da questão do feminismo. Com efeito, é possível ligar esta carta de Maria Goyri a D. Carolina, datada de Dezembro de 1901, à anterior carta de Menéndez Pidal de Julho desse mesmo ano, da qual transcrevi a passagem anterior. É, finalmente, nesta carta directamente remetida a D. Carolina que Maria Goyri lhe fará chegar as aguardadas notas prometidas pelo marido para "mediados de outubro" (Menéndez Pidal 1901 [Ms. CMV_3.-78]: fl. 1v), embora reconhecendo Goyri a parcimoniosa informação que veicula sobre o assunto pedido, ou seja, o desenvolvimento do estado do movimento feminista em Espanha. Justifica-se com o argumento de que "[...] estas cuestiones despiertan todavía escaso interés entre nosotros [...] e que por isso "se obtienen con dificultad noticias concretas" (Goyri 1901 [carta Ms. CMV_2-153]: fl. 1r).

Aliás, uma pesquisa mais profunda no espólio de Carolina Michaëlis de Vasconcellos permitiu localizar, para além dessas cartas, um conjunto de dez páginas manuscritas em castelhano, não assinadas mas sem dúvida redigidas pelo punho de Maria Goyri, contendo a tal nota detalhada sobre o feminismo em Espanha.⁵⁸ Outro conjunto de dezoito páginas manuscritas na mesma língua⁵⁹ versa sobre o tema de um ponto de vista mais estatístico, denunciando uma caligrafia significativamente distinta da do conjunto anterior. Não parecem restar dúvidas, ainda assim, de que os

⁵⁶ Carta com a cota Ms. CMV_2-153.

⁵⁷ Carta com a cota Ms. CMV_2-154.

⁵⁸ Trata-se do conjunto manuscrito com a cota Ms. CMV Estudos sobre a Mulher 11A.

⁵⁹ Manuscrito com a cota Ms. CMV Estudos sobre a Mulher 11.

dois manuscritos são autógrafos de Goyri,⁶⁰ e que o segundo deles coincide com a informação veiculada por Menéndez Pidal já aqui transcrita na sua carta de Julho de 1901 de que a mulher procurará incluir "algunos *datos estadísticos*" nos materiais destinados a D. Carolina.

Não temos aqui possibilidade para analisar, sequer de forma superficial, o conteúdo dessas anotações, desiderato a cumprir numa futura oportunidade. Contudo, e sabendo que em 1901 D. Carolina acede ao pedido da célebre feminista e amiga Helene Lange⁶¹ para a preparação de um estudo sobre o movimento feminista na Península Ibérica, a integrar no primeiro volume do *Handbuch der Frauenbewegung* (estudo do qual sai uma tradução para português referente à parte portuguesa n' *O Primeiro de Janeiro*, de 11 a 18 de Setembro de 1902), caberia supor que os referidos dados solicitados a Maria Goyri se destinassem presumivelmente à tal enciclopédia que Menéndez Pidal menciona na já citada carta, trabalho no qual

Carolina Michaëlis traça um quadro completo e pormenorizado da situação jurídica, política, social e económica das mulheres em Portugal e Espanha, insistindo acima de tudo na questão da instrução que, com inteira justiça, considerava absolutamente prioritária, e no terceiro volume desse mesmo *Handbuch der Frauenbewegung* (Berlim, 1902, pp. 408-434) publica também um extenso artigo sobre a educação feminina em Portugal e outro mais breve, em co-autoria com a escritora Maria Goyri [sic!] de Pidal, mulher de Ramón Menéndez Pidal, dedicado à mesma questão em Espanha. (Delille 2015: 138)

Acrescenta ainda Maria Manuela Gouveia Delille que "No epistolário de Carolina Michaëlis, existente na BGUC há várias cartas de D. Maria Goyri

⁶⁰ A pesquisa junto do espólio de Maria Goyri, em Madrid, confirmou a presença destas mesmas duas caligrafias nos seus autógrafos, comprovando-se, deste modo, que também os dois conjuntos de Coimbra pertencem à mão da mulher de Menéndez Pidal.

⁶¹ Segundo esclarece Maria Manuela Gouveia Delille, "É de imaginar que as ideias feministas de D. Carolina se tenham formado durante os anos de menina e moça em Berlim, pois sabemos que no círculo mais chegado das suas amigas de então se contava Helene Lange, que viria a ser no mundo germânico uma das personalidades mais notáveis do movimento feminista burguês e dentro desta aquela que desde o início dos anos 70 do século XIX mais empenhadamente lutou pela causa da instrução e educação das mulheres alemãs, tendo desempenhado um papel decisivo na criação dos primeiros liceus femininos na Alemanha e na formação das respectivas professoras." (Delille 2001: 45).

[sic] de Pidal para D. Carolina relativas à colaboração prestada pela escritora castelhana." (Delille 2015: 138, nota 226).⁶²

Pese embora não se tratasse de uma enciclopédia, como refere Menéndez Pidal na sua carta, mas de um manual, a identificação deste assunto afluído por Don Ramón com a efectiva colaboração de María Goyri na redacção da nota mostra-se pacífica, pois na nota 4 da página 449 do mencionado *Handbuch*, Carolina Michaëlis de Vasconcellos esclarece que os materiais que lhe serviram para a redacção do capítulo sobre o movimento feminista em Espanha lhe foram fornecidos por María Goyri ("Das Material für die Darstellung der spanischen Frauenbewegung wurde der Verfasserin von D. María Goyri geliefert." (Michaëlis 1901: 449, nota 4). Parece-nos, porém, um pouco forçado concluir, partindo desta mesma nota, que D. Carolina entendesse esta colaboração de María Goyri na obra como uma verdadeira co-autoria, ponto no qual nos seja permitido discrepar da leitura proposta por Delille na passagem que atrás citámos.

Em síntese, se as ligações de D. Carolina ao movimento feminista de finais do século XIX e inícios do século XX se encontram actualmente bem exploradas e foram já alvo de vários estudos⁶³ que permitem conectar, por exemplo, a abordagem do feminismo na obra da filóloga alemã não só à questão da educação da mulher, mas também ao interesse manifestado por D. Carolina por personalidades femininas portuguesas de relevo para a História de Portugal (nomeadamente pelas mulheres renascentistas, entre as quais constam as figuras da Infanta D. Maria e de Públia Hortênsia de Castro),⁶⁴ no caso de María Goyri a situação é bem distinta, já que a sua obra feminista se manteve circunscrita à fase inicial da sua produção,

⁶² Por uma questão de rigor, devo esclarecer que localizei no espólio de D. Carolina na BGUC, apenas uma carta de Goyri relacionada com este assunto (a Ms. CMV_2-153 – carta de 26/12/1901). A colação textual propriamente dita encontra-se nos dois conjuntos de apontamentos referidos. Na realidade, caso restassem dúvidas sobre a proveniência dos apontamentos que servem a descrição do feminismo em Espanha apresentada por D. Carolina, mesmo um confronto apressado e superficial entre o texto espanhol e o alemão apontaria com nitidez a filiação do segundo relativamente ao primeiro, ou seja, às notas da autoria de Goyri.

⁶³ Refiro-me aos trabalhos de Delille (2001 e 2012) e, principalmente, ao de Delille (2015).
⁶⁴ Cf. Delille 2001: 46-47.

essencialmente prévia ao matrimónio, não tendo adquirido qualquer relevância para a posteridade.

Talvez não pareça exagerado afirmar que o labor de María Goyri (sobretudo aquele de contornos feministas, mas não só) foi esquecido pela própria História e apartado da sua caracterização enquanto erudita, algo que se opõe à extraordinária afirmação de D. Carolina num mundo quase exclusivamente masculino, como era o académico naqueles tempos e de que a correspondência directa com Ramón Menéndez Pidal faz fé. De um ponto de vista documental, este esquecimento era recentemente lamentado por Jesús Antonio Cid:

De gran parte de los trabajos [de Goyri] sobre literatura se conservan en la *Fundación Ramón Menéndez Pidal* los originales manuscritos y los materiales utilizados para su redacción. No es ese el caso de las colaboraciones sobre pedagogía y feminismo, que presumiblemente formaban parte de un archivo distinto, lamentablemente segregado de los fondos de la Fundación y actualmente no accesible.⁶⁵ (Cid Martínez 2001: 54)

Retomando tudo o que ficou dito, uma análise dos epistolários (ou do que deles resta) de Menéndez Pidal e de D. Carolina, ao qual se junta o magro pecúlio de autógrafos de María Goyri enviados à filóloga alemã revela-se duplamente sugestiva. Se contribui para melhor entender as redes pessoais, científicas e académicas entre a nata da filologia ibérica nos inícios do século XX, como demonstrámos, concorre para evidenciar o traçado de uma rede feminina muito mais peculiar do que os factos disponíveis *a priori* poderiam sugerir, por via, paradoxalmente, de uma faceta biográfica de María Goyri nunca destacada, como vimos: a do feminismo. A correspondência analisada sugere, ainda, que a relação entre as duas mulheres terá sido secundarizada pela exuberância dos laços intelectuais e académicos que uniam os pares Menéndez Pidal e Michaëlis. A relação entre as duas passou, assim, pelo crivo de um contacto principal ou privilegiado (masculino): o de Menéndez Pidal.

⁶⁵ Actualmente, graças à intervenção e perseverança de Sara Catalán, descendente de María Goyri, esses fundos, que tive a oportunidade de consultar, já se encontram depositados na Fundação e, portanto, uma importante parte do legado de María Goyri poderá agora ser devidamente estudada e valorizada.

Bibliografía

Correspondência

- Cartas de Ramón Menéndez Pidal a Carolina Michaëlis de Vasconcellos, depositadas no Espólio de Carolina Michaëlis de Vasconcellos da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra (Docs. Ms.CMV 3.77 a Ms.CMV 3.87).
- Cartas de Carolina Michaëlis de Vasconcellos a Ramón Menéndez Pidal, depositadas no Archivo epistolar de la Fundación Menéndez Pidal, em Madrid (Docs. M156001 a M156014).
- Cartas autógrafas de María Goyri de Menéndez Pidal a Carolina Michaëlis de Vasconcellos depositadas no Espólio de Carolina Michaëlis de Vasconcellos da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra (Docs. Ms.CMV 2.153, Ms.CMV 2.154, Ms.CMV Estudos sobre a Mulher 11 e Ms.CMV Estudos sobre a Mulher 11A).
- Cartas autógrafas de María Goyri a Menéndez Pidal, Amalia Goyri e Jimena Menéndez Pidal (correspondência familiar) depositadas no Archivo epistolar de la Fundación Ramón Menéndez Pidal, em Madrid (sem cotas disponíveis).

Obras

- Bernis, Elisa (1952): «María Goyri». *ABC*, 3 de febrero, número extraordinário, p. 7.
- Catalán, Diego (2001): *El Arquivo del romancero. Patrimonio de la Humanidad. Historia documentada de un siglo de Historia*. Tomo I, Madrid, Fundación Menéndez Pidal/Seminario Menéndez Pidal.
- Cid Martínez, Jesús Antonio (2014): «Bibliografía de María Goyri». *Separata de Litterae Vasconicae* 14, pp. 51-63.
- Conde, Juan-Carlos (2001): «Carolina Michaëlis de Vasconcellos y la literatura española». *Revista da Faculdade de Letras. Línguas e Literaturas* 18, pp. 133-170.
- De Linares, L. G. (1929): «Cuando las mujeres empezaron a estudiar». *Estampa* 56. Segundo ano, 29 de Janeiro de 1929, pp. 14-15.
- Delille, Maria Manuela Gouveia (2001): «Carolina Michaëlis de Vasconcellos (1851-1925: a intermediária nata entre a cultura neolatina e a germânica». *Revista da Faculdade de Letras. Línguas e Literaturas* 18, pp. 33-48.
- Delille, Maria Manuela Gouveia (2012): «Sobre a questão feminina e a figura de Madame de Staël: duas cartas inéditas de Cláudia de Campos para Carolina Michaëlis de Vasconcellos». Reis, Carlos; Bernardes, José Augusto Cardoso; Santana, Maria Helena (eds.): *Uma Coisa na Ordem das Coisas. Estudos para Ofélia Paiva Monteiro*. Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, pp. 437-471.
- Delille, Maria Manuela Gouveia (2015): «Carolina Michaëlis de Vasconcellos: um perfil». Condé, Valéria Gil; Mongelli, Lénia Márcia; Vieira, Yara Frateschi (eds.): *Carolina Michaëlis de Vasconcellos: uma homenagem*. São Paulo, FFLCH-USP, pp. 122-145.

- Gaibrois de Ballesteros, Mercedes (1956): *Homenaje a la memoria de Doña María Goyri de Menéndez Pidal*. Madrid, Dirección General de Relaciones Culturales.
- Goyri, María (1893): «Lo que piensan las mujeres de su educación. Una información». *Escuela Moderna* 3 (23), pp. 82-86.
- Goyri, María (1898): «Crónicas femeninas». *Revista Popular* I, 16-XII, y 30-XII.
- Goyri, María (1899): «El próximo Congreso Feminista». *Boletín de la Institución Libre de Enseñanza* XXIII/470 (31 mayo), pp. 131-133.
- Goyri, María (1905): «Los centros de cultura femenina». *Unión Ibero-Americana* XIX, 20-IV.
- Menéndez Pidal, Ramón (1930): «Los Estudios sobre o Romancero Peninsular de Doña Carolina». *Miscelânea de Estudos em Honra de D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos*. Coimbra, Imprensa da Universidade, pp. 493-500.
- Menéndez Pidal, Ramón (1953): *Romancero hispánico, (hispano-português, americano y sefardí)*. 2 tomos, Madrid, Espasa-Calpe.
- Michaëlis de Vasconcellos, Carolina (1901): «Die Frauenbewegung in Spanien und Portugal». Lange, Helen; Bäumer, Gertrud: *Handbuch der Frauenbewegung*. Vol. I, Berlin, W. Mooser Buchhandlung, pp. 424-455 [Tradução parcial para português por Duarte Leite em: «O movimento feminista em Portugal». *O Primeiro de Janeiro*, 11 a 14, 16, 18 de Novembro de 1902 (n.ºs. 215-219 e 221)].
- Michaëlis de Vasconcellos, Carolina (1905): «Zum Sprichwörterchatz des Don Juan Manuel». *Bausteine zur romanischen Philologie. Festgabe für Adolfo Mussaffa*. Halle, Niemeyer, pp. 594-608.
- Michaëlis de Vasconcellos, Carolina (1907-1909): «Estudos sobre o romancero peninsular, romances velhos em Portugal». *Cultura Española*, VII, 1907, pp. 767-803; VIII, 1907, pp. 1021-1057; IX, 1908, pp. 93-132; X, 1908, 435-512; XI, 1908, pp. 717-758; XIV, 1909, pp. 434-483; XVI, 1909, pp. 697-732. [reedições em livro – Id. (1909): *Estudos Sobre o Romancero Peninsular. Romances Velhos em Portugal*. Madrid, Cultura Española; Id.(1934): *Id.*. Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra; e Id. (1980): *Id.*. Porto, Lello & Irmão Editores].
- Michaëlis de Vasconcellos, Carolina (1922): *Autos portugueses de Gil Vicente y de la Escuela Vicentina*. Edición facsímil con una introducción, Madrid, Centro de Estudios Históricos.
- Ontañón, Elvira (2013): «María Goyri (1873-1954)». *Jimena Menéndez Pidal: ambiente familiar y pedagógico, Estudio. Boletín de actividades* 19, junio 2013, pp. 8-13.

Anexo 1

Índice das cartas de Ramón Menéndez Pidal a Carolina Michaëlis de Vasconcellos

(Catálogo da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra – Espólio de Carolina Michaëlis de Vasconcellos)

- Ms. CMV_3-77 – postal de 26/01/1901
- Ms. CMV_3-78 – carta de 29/07/1901
- Ms. CMV_3-79 – carta incompleta sem data (muito provavelmente de 1903)
- Ms. CMV_3-80 – postal sem data (redigido entre 1904 e 1905)
- Ms. CMV_3-81 – carta de 19/05/1904
- Ms. CMV_3-82 – carta sem data (redigida muito provavelmente em Janeiro de 1913)
- Ms. CMV_3-83 – carta de 09/01/1912
- Ms. CMV_3-84 – carta sem data (redigida entre 1912 e 1913)
- Ms. CMV_3-85 – carta de 29/03/1921
- Ms. CMV_3-86 – telegrama sem data (anos 20)
- Ms. CMV_3-87 – carta de 19/08/1924

Anexo 2

Índice das cartas de Carolina Michaëlis de Vasconcellos a Ramón Menéndez Pidal (Archivo epistolar de la Fundación Ramón Menéndez Pidal)

- M156001 - carta de 18/07/1898
- M156002 – carta de 06/04/1900 (com adições a 18/04/1900)
- M156003 (cota atribuída por conjectura – não inscrita) - carta de 08/10/1900
- M156004 - carta de 29/09/1908
- M156005 - carta de 19/12/1912
- M156006 (cota atribuída por conjectura – não inscrita) – carta de 26/08/1913
- M156007 – carta de 04/06/1914
- M156008 – bilhete-postal de 08/04/1920 (data apócrifa inscrita a lápis)
- M156009 - (cota atribuída por conjectura – não inscrita) carta de 08/04/1920
- M156010 - carta de 07/07/1920
- M156011 - carta de 18/08/1920
- M156012 - (cota atribuída por conjectura – não inscrita) carta de 24/03/1921
- M156013 – carta sem data (provavelmente de inícios de 1914)
- M156014 – bilhete-postal sem data (muito provavelmente de 1899)

Anexo 3

Índice das cartas e apontamentos de María Goyri a Carolina Michaëlis de Vasconcellos

(Catálogo da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra – Espólio de Carolina Michaëlis de Vasconcellos)

- Ms. CMV_2-153 – carta de 26/12/1901
- Ms. CMV_2-154 – carta de 01/04/1910
- Ms. CMV Estudos sobre a Mulher_11A – apontamentos sobre o tema
- Ms. CMV Estudos sobre a Mulher 11 – apontamentos sobre o tema